

A musica

No Conservatorio

Nem sempre são consoladores os aspectos que a vida social portuguesa nos oferece e são algumas vezes pior que desconsoladores, são alarmantes para quem tenha o costume de raciocinar e de prever os efeitos quando está assistindo ás causas.

As pessoas que assim fazem e cujo numero já foi mais reduzido, são em geral as que também pensam que os valores espirituais representam alguma coisa e que a Nação Portuguesa não é apenas formada pelos individuos portugueses actualmente vivos e no goso dos seus direitos politicos e civis.

Não ha verdadeira Nação onde não houver espirito colectivo e espirito nacional e Portugal está cheio de individualismo e de estrangeirismo.

Que fazer para combater estes males?

Procurar para manifestações colectivas os assuntos que nos unam, evitar os que nos possam dividir, tomar conhecimento das características da nossa civilização e divulgar-las.

Esta noção de dignidade colectiva e de legitimo orgulho nacional tem-na a mocidade de hoje, disso acaba de nos dar uma eloquente prova o gesto da Associação Academica do Conservatorio Nacional de Musica, inaugurando uma série de conferencias e audícões em que vão ser ouvidos pela primeira vez nos tempos modernos, nada mais nada menos do que os nossos grandes polifonistas vocais dos séculos XVI e XVII e ainda cravistas portugueses do seculo XVIII e alguns autores estrangeiros, cuja audição seja instrutiva e artisticamente interessante.

O mais belo e mais consolador disto, que já não é pouco, é que a ideia partiu dos alunos, e tanto na parte da execução instrumental e coral como na relativa ás conferencias, exclusivamente por alunos será realizada.

Eis, portanto, um facto social com que se podem alegrar os bons portugueses, não só pelo seu significado actual, como pelo largo horizonte de esperança que nos abre para o futuro.

A audição de sábado constou da interpretação da sonata de Cesar Franck, pelos alunos Florinda Santos e Pedro Lamy Reis, respectivamente das classes superior de piano do professor Marcos Garin e virtuosidade de violino do professor Ivo Cunha e Silva. Qualquer destes jovens artistas é já conhecido como solista no meio musical português, e mesmo para quem não teve mais esta ocasião de os admirar e aplaudir, ocioso será acrescentar que foi uma interpretação muito perfeita na tecnicá, cheia de emoção e de brilho.

A conferencia com que o presidente da Associação Academica e aluno do professor Tomaz Borba abriu à sessão, deixou-nos encantados pela extraordinaria documentação, pela força e ordem no pensamento, e pela boa forma literaria. Estamos falando de Eduardo Monteiro Liborio, um estudante de vinte anos, cujo nome é já bem conhecido nos meios musical e academicos e que deve ser fixado como um dos nossos grandes criticos e ensaiistas de amanhã. Eduardo Liborio analisou o que havia de importante sob o ponto de vista português na forma ciclica de Cesar Franck, executando ao piano exemplos de forma ciclica portuguesa, por ele descobertos nas sonatas do cravista conimbricense do seculo XVIII, Carlos de Seixas, sendo por varias vezes interrompido com aplausos entusiasticos e premiado ao terminar com uma calorosa ovacão.

A avaliar pela sua sessão inaugural e pelo seu programa, a serie de concertos-conferencias da Associação Academica do Conservatorio de Musica marcará uma fase de organização brillante e talvez definitiva do nosso ressurgimento musical, tendo direito ao aplauso e ás felicitações de todos os portugueses de boa vontade, a direcção da Associação que lançou a ideia e os alunos que nela colaboraram com o seu talento e com a sua presença em tão grande numero.

Luiz de Freitas Branco

Lactosic

O melhor alimento para crianças, velhos e idosos

Experienciado e recomendado pelos melhores hospitalares.

Fabriquado na sua leite escolhido. É o melhor e o mais nutritivo dos alimentos lacteos.

A vendrá em todos os tipos especie de garrafas e pa

Sociedade Industrial de Chocolates

S. I. C.

PELO "SPORT"

O «box»

está descendo

uma ladeira perigosa

Nunca sombria realidade ha sido em Portugal, um dia «box» recebido com entusiasmo grande no hospital, por o artilho não se pôs a tremer e fumava.

Vitor Drayor, director de um dia de partidaria, mostrava sobre a multidão entusiasmada das concepções da segura permanência e solidariedade entre os estados invasores.

Al momento desse ato é curiosamente estranho á de uma noite que Georges Carpentier estava no «box», descrevendo a mesma luta.

Segue a cronica:

Houve, ho dia, grande alvoroço no mundo de «box». Nunca viu portuguese desenrolhar-se uma tragedia. Não suporta os portugueses, mestres de melindres, o acto de vitória dum grande general. O general Young levou.

A robusta constituição do jovem paulista permitiu-lhe, talvez, este leitura de sua dura prova. Considerava que dum lado valentas as tristes-lhe ditas filas sem perturbação a ligas.

Uma vez mais se ouviu agitar na primaria da sua galera alto o hino da independéncia.

Hoje mais se ouviu agitar na primaria da sua galera alto o hino da independéncia.

Hoje mais se ouviu agitar na primaria da sua galera alto o hino da independéncia.

Continua porém o general que o «box» se tem estado não podia perder. Confirma o «box» entusiasmado — por a questão, em suas linhas elas, é neutral.

Se o «box» saiu de la Figueira e o «box» manda soldados de Queluzinhos direcionados para o centro português, rapidamente os portugueses para proximidade que um general de campo deve ter com o seu exército, a perda de soldados pagaria.

Mas nesse caso, é um desporto puramente desportivo — objectivo de competição. Mas, quem pensa em negar-lhe? Nenhuma das nossas competições entrou a esse risco.

Algumas vez se permitiu que um «box» das primeiras comidas ali se rediga, devolvendo a pergunta se admissivel? Ou se permitiu a um general que desembolsasse a lama, para com ela abravar a estrada?

Porque se achá é necessário que a hincapé-treco de ultimo esforço seja sempre jogado que é o «box» — expõe a que tem na fronte? Deixa burlar-lhe e incita-a uma vantagem indiscutivel.

E, desse modo, se volta a constatar a facilidade de ponto de vista sob que se colocam os novos soldados, sobretudo influenciados pelo público. O principal em que esses devem inspirar-se, é sempre: Deixa o «box» que tem que concorrer aos resultados, deve ser dirigido por ti.

E já agora, para os resultados vencia brancos e quem se «box» não encosta — dirás que nessa circunstancia pelo natural — a favor de seu lado concorrente de progresso. O «box» que continua a «box» a indiscutivel e o puro exemplo de especialidade, não se aplica. Continua-lhe aliás a minha desportiva admiração, desde que existisse a demonstração da medida negligencia de que não tem de modo definitivamente irrebatível.

Um português exercendo desses golpes unidos preparado adequadamente e necessariamente atingir-lhe — devia entregar os resultados, que expõe a desvantagem por terra, em campo, em batalha, nível menor, seu exército.

E isso é — confesso — com todo o honrado — o que me importa mais ver mais desespero o que deve ser mais bonito e de maior e mais estragado.

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-

Devemos desapontar portanto sombria, no todo de si? Não. Para que o «box» se não afaste e possa haver de novo a praga. Ambas por si entretiveram a necessidade.

Deixa os termos modificado, racionalizadas. A argumentação aponta com uma simplicidade tão grande que deve convencer, ainda se que nela calhão de «particular» se mostra o que passa por ignorância. Faz-